



## O sonho do pato

conto da tradição oral

Era uma vez um pato que havia sido criado num galinheiro. Ninguém sabe ao certo como um pato marinho foi parar ali ainda dentro de um ovo, considerando que aquela fazenda ficava bem longe da costa. Mas o fato é que, criado entre galinhas e educado por galinhas, o pato acreditava ser a galinha mais feia e desganhada do galinheiro. Suas patas palmadas e suas asas pontudas haviam sido feitas para nadar e voar, mas ele não sabia disso. Caminhava cambaleando, provocando risos e zombarias dos pintinhos, que o imitavam pelas costas.

E assim cresceu sentindo-se feio e diferente. No entanto, ele amava aquele galinheiro — aquele era o mundo onde havia sido criado; tudo o que conhecia e amava estava ali.

Às vezes, antes do amanhecer, tinha sonhos estranhos. Sonhos azuis de águas infinitas. Sonhava consigo mesmo nadando em um oceano que nunca tinha visto fora dos sonhos. Um oceano azul. Azul em todas as suas variações. No entanto, ao abrir os olhos, lá estava ele de novo no galinheiro conhecido.

Tinha vergonha de se ver e de falar diferente, por isso tentava ficar quieto e calado. Para se distrair, começou a observar ao redor, e assim viu muitas coisas. Reparou que além do galinheiro havia árvores, e que nelas viviam outros tipos de aves. Aves que não eram galinhas, e que construía seus próprios ninhos.

Então, para enxergar melhor, moveu o pescoço de uma forma diferente e, ao levar a cabeça para trás, deu de cara com o céu. Que alegria imensa ao descobrir o céu! Também era azul!

Olhou tanto para cima que ficou com o pescoço travado por um tempo, mas isso não importava diante da descoberta. O céu era imenso, não se via o fim, mudava de cor conforme a hora do dia ou o clima e, além disso, nele voavam outras aves. Algumas passavam em grandes bandos, voando longe, desenhando formas geométricas. Desenhos em movimento.

Houve momentos em que desejou, por um instante, ir com elas — mas isso era algo inadmissível para uma galinha que mal consegue saltitar rente ao chão. E menos ainda com um galinheiro cercado por arame, separando-o do céu.

O pato seguiu com suas investigações, fez cálculos, decifrou as mudanças do vento e, assim, aprendeu a reconhecer a época do ano em que passavam as aves migratórias. Esperava por elas em segredo.

Um dia, revisitando todos os cantos conhecidos do galinheiro, viu a porta. Como não tinha percebido antes? À noite, quando as galinhas dormiam em pé sobre seus poleiros, como de costume, o pato se aproximou da porta. Simplesmente a empurrou um pouco e ela se abriu. Saiu timidamente, deu alguns passos e logo correu de volta para dentro do galinheiro. Era o melhor a fazer, não era? Ninguém sabia os perigos que havia lá fora, nem o que diriam as galinhas se soubessem que ele tinha saído. Mas agora, ele sabia que podia sair.

O verão passou, as árvores começaram a dourar. As formigas trabalhavam sem parar, armazenando comida para o inverno que viria. Era o momento certo.

Certa manhã, bem cedo, o pato acordou. No céu passava o bando. Sem hesitar, foi até a porta, empurrou-a, e, diante do espanto das galinhas, saiu. No início teve dificuldade para alçar voo, suas asas estavam travadas pela falta de uso, mas sua verdadeira natureza guiou seus movimentos. Batendo as asas com força, ganhou altura — cada vez mais alto — até alcançar o bando. Então se juntou a ele e partiu feliz rumo à costa, em busca do mar.